

OLHOS

Mário da Silveira¹

Olhos anadiomênicos e puros
– Funda eclosão de dores e de crenças –
Surgindo claros, ressurgindo escuros,
Como as estrelas da amplidão suspensas.

Neles, ó Gnose, toda te condensas,
E condensas passa dos e futuros
Sonhos, na luz de lâmpadas intensas,
Longe dos feios atascais impuros.

Nada de fortes erupções, de anseios,
De lampejas coléricos, medonhos,
Nem de sirtes, de pegos, nem de abrolhos.

Olhos repletos, olhos sempre cheios
Do votivo esplendor dos grandes sonhos!
Tu tens, decerto, o coração nos olhos!

¹ SILVEIRA, Mário da. *Olhos*. p. 25. In: **Coroa de Rosas e de Espinhos**. Fortaleza: Gráfico Mendes. 1922.